

UMA VIDA DE UM CERTO LIRISMO: ENTREVISTA COM VIMALA DEVI

A LIFE OF A CERTAIN LYRICISM: AN INTERVIEW WITH VIMALA DEVI

DANIELA SPINA¹

A presente entrevista com a contista, poeta e tradutora goesa Vimala Devi foi realizada no dia 29 de agosto de 2018, na casa da própria entrevistada, no coração de Barcelona. A entrevista foi realizada no âmbito de uma investigação doutoral sobre a história literária de Goa em língua portuguesa, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – FCT. Apesar do intuito científico subjacente ao escopo da entrevista, esse depoimento não deixa de ser um repositório de memórias da escritora e de reflexões sobre a sua vida particular, sobretudo no que concerne a relação profissional e humana com o seu marido, o escritor português Manuel de Seabra (1932-2017). Trata-se de um transcrição quase literal da fala da escritora, com pouquíssima interferência de minha parte na redação final.

DANIELA SPINA: Muito obrigada por me receber. A Vimala nasceu em Goa e mudou-se para Lisboa na década de 50. Queria perguntar, quais recordações a Vimala tem da sua vida em Goa?

VIMALA DEVI: O que me lembro de Goa? Goa ainda não era independente quando eu saí em 1958. Eu vim para Portugal porque a minha família, os meus irmãos, já estavam em Lisboa. Estavam a estudar nas universidades de Lisboa. A minha mãe também já tinha saído, tinha ido junto com minha irmã casada. Eu estava lá só, de maneira que os meus irmãos disseram: por que tu estás lá só e não vens a Portugal? Eu vim em 1958 e, em 1959, eu consegui um em-

1 Doutoranda do Programa em Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

prego como tradutora nas empresas tradutoras de francês, inglês etc. Conheci o Manuel, foi logo passados uns meses, através de uma amiga minha, que era também amiga de Manuel. Ela era também de Goa, estava em Portugal, apresentou-me ao Manuel e, então, simpatizamos e em 1959 casamos, eu e o Manuel. Foi praticamente muito rápido, porque nos conhecemos numa festa, dêmo-nos muito bem, e tudo isso, e passado esse tempo começamos a nos encontrar e tal, e em 1959 decidimos casar e casamos. E as recordações de Goa ficaram por lá. Quando começamos a escrever a obra *A literatura indo-portuguesa*, o Manuel teve boa ideia de pôr um anúncio a ver se de Goa nos enviavam material. E muita gente mandou colaboração e nós tivemos a sorte, o Manuel teve a sorte, de ir trabalhar para a BBC de Londres. Então nos foi concedida a bolsa pela Junta das Investigações do Ultramar e lá em Londres íamos fazendo [o livro]. Eu vinha de vez em quando a Lisboa fazer algumas pesquisas na Sociedade de Geografia, mas lá no Museu Britânico encontramos também muito material e o material que veio também muito de Goa, que nos mandaram, e conseguiu-se fazer essa obra *A literatura indo-portuguesa*. Depois nos foi renovada a bolsa para mais uns anos e fizemos o trabalho. E depois foi importante no sentido de que não havia nada dos quatro séculos e meio da colonização de Portugal da colónia de Goa, da cultura e da fusão cultural, uma nova cultura que surgiu em Goa, não é? Como nós já dizemos lá na obra, foi uma fusão de todos os argumentos, porque os portugueses tiveram uma boa aproximação com o povo de Goa e [com] os povos da Índia, especialmente Goa. Eles queriam Goa como um grande apoio nessa parte de Oriente que eles necessitavam, então fizeram todos os esforços para transmitir os valores da cultura portuguesa aos goeses e muitos foram cristianizados, as populações hindus foram cristianizadas, e tiveram privilégios por isso, e passaram a ter nomes portugueses, porque Vimala Devi não é o meu nome. É Teresa. Teresa! Isso foi ideia do Manuel, posteriormente, porque quando publiquei o meu primeiro livro de poesias, *Súria*, e o Manuel disse: «Nós aqui temos muitas Teresas, mas tu tens de ter um nome que possa identificar mais o teu primeiro livro», que era muito com ambiente de Goa, sobre temas de Goa. Então escolhemos este «Vimala Devi» e que resultou, porque, com esse pseudónimo, o grande crítico português Gaspar Simões dedicou toda uma página de crítica ao meu livro. Foi o que lhe chamou a atenção, através daquele pseudónimo, e isso foi o meu lançamento no meio literário português.

E o Manuel disse-me: «Vês como funcionou isso? Que agora tu já entraste no meio literário português!». E a partir daqui, depois continuamos, o Manuel teve a sorte de ir trabalhar para a BBC. Estivemos praticamente quase oito anos em Londres, durante os quais foi possível fazer esta obra publicada pela Junta das Investigações do Ultramar. Depois tivemos um prémio da Academia das Ciências à obra. Essa obra serve de base, até hoje, nas universidades de Goa, onde se referem muito a essa obra e dizem que é como uma base para futuros estudos. É uma obra de referência que os goeses têm muito a mente. Agora, recentemente, há uns anos, foi encenado um conto meu, “O genro comensal”, pelo leitor português Delfim Correia. Ele fez a encenação com os alunos de ali e diz que teve muito êxito. Mandaram-me aqui as fotos do teatro com os alunos que tomaram parte. E há um contacto. Creio que a língua portuguesa em Goa está muito valorizada agora, embora não oficialmente, evidentemente. Mas, nas universidades, como há um leitor que ensina português, há muita gente que não sabe português, e quem quer aprender português frequenta as universidades para aprender português. E é muito bom, porque quer dizer que a influência da cultura portuguesa ficou viva, além da arquitetura, dos monumentos, de Velha Goa – Velha Goa é muito visitada por turistas, muito antiga; onde está o corpo do S. Francisco Xavier é muito visitado. E outras coisas da arquitetura: há os seminários, há vários centros de estudo, muita coisa em Goa que serve de investigação para as pessoas que queiram estudar, saber ou conhecer a influência de Portugal em Goa. E tem sido muito ativo. Tenho tido a informação de que tem sido muito ativo este contacto com a nova imagem de Goa, que não deixou a influência de Portugal. Também lá existem, até mesmo, restaurantes onde há comida portuguesa e há quem cante o fado nesses restaurantes. Quer dizer que há essa continuidade do que havia já no meu tempo, sim.

DS: Há quanto tempo a Vimala não volta para Goa?

VD: Eu, depois, nunca mais voltei. Eu saí de Goa com 24 anos, mas depois nunca tive a oportunidade de lá regressar. Vim a Portugal, depois fomos a Londres. Estivemos seis meses no Brasil, mais ou menos depois de estarmos recém-casados, a ver se lá se podia fazer algum tipo de vida, mas como o Manuel era muito europeu, não se adaptou, porque naquele tempo era muito caótico. Os autocarros faziam uma competição de velocidade na rua. Havia muito perigo.

No hotel onde estávamos, diziam: «Olhem, venham mais cedo porque pode haver algum perigo por aqui!». Estivemos no Rio e depois estivemos também em São Paulo. Mas o Manuel não se adaptou muito. Ele disse: «Isto é muito caótico!» e regressamos a Portugal. E, depois, tivemos felizmente essa oportunidade de ir a Londres. Foi para nós muito bom, um passo a mais, porque em Portugal ainda havia esta influência do salazarismo e depois parece que foi o Marcelo Caetano. Mas quando nós regressámos de Londres, eu recordo, ainda havia influência desse meio, apesar de que já não havia salazarismo. Mas é muito difícil de um momento para outro as coisas mudarem. Então o Manuel teve uma ideia, ele conseguiu lá felizmente uma editoria que lhe ofereceu para traduzir os clássicos da literatura russa. E depois também organizou várias antologias, para a Editorial Futura, antologia cubana, africana, norte-americana, soviética, poetas ingleses – britânicos –, muitas antologias, provençal, catalã... Foi muito trabalho. Então ele disse: «Bem! Eu conheço muito bem Barcelona!». Conhecia bem Barcelona, porque quando era jovem tinha estado cá e tinha cá amigos. Ele disse: «Vamos!», porque nós ainda estranhávamos o meio português, vindos de Londres, e ainda não havia ainda grande abertura, ainda estava sob o domínio da influência anterior, não é? Manuel disse: «Nós vamos a Barcelona, é possível que lá se consiga qualquer coisa». E viemos a Barcelona um pouco antes da Revolução dos Cravos e quando viemos ele teve a sorte aqui da Enciclopédia Catalã e teve um contrato para fazer os dicionários de português-catalão /catalão-português, nos quais eu colaborei com o Manuel e, por causa disso, consegui também aprender catalão, porque não sabia nada do catalão que ele sabia. O Manuel dava-me folhas inteiras para eu ir organizando, então tinha que investigar tudo com os dicionários para estudar o catalão e, assim, fui entrando também no catalão. Então ali foi a Revolução. Já não se podia voltar. A Editorial Futura tinha acabado porque tudo começou a ser renovado, tudo de novo. Então pegaram tudo o que era antigo, tinha-se acabado com a Revolução, novo sistema, novos cargos que às pessoas ofereciam, saía um e entrava outro, tudo foi renovado. E nós ficámos cá. Fizemos os dicionários, depois fizemos trabalhos de traduções para várias editoras. E o Manuel conseguiu também escrever a sua obra. Quando estivemos em Londres, ele teve uma oferta lá na BBC, se ele se naturalizasse inglês, ele podia ter um bom cargo ali na BBC e podia ficar, então ele se virou para mim e disse: «Mas eu não sou funcionário, eu sou escritor!

Mas se tu quiseres, podemos ficar cá!». E nós estávamos muito bem instalados. Tínhamos uma casa que tinha sido do ator Peter Sellers, uma casa muito boa. Eu absorvia e vivia toda aquela cultura moderna de Londres. O teatro moderno. Fazia críticas de arte na BBC. Também estudei pintura e fiz uma exposição. Tinha todo um mundo cultural de que eu gostava imenso. Mas eu compreendi que o Manuel não podia ficar lá, porque ele dizia: «eu não escrevi nem o livro desde que vim cá para a BBC». Pois quando regressámos, o Manuel, além das traduções, teve a oportunidade de começar a escrever a sua obra e assim ficou muito mais satisfeito, e continuou cá a escrever a sua obra de que muita foi traduzida também para o catalão. E também alguns livros meus foram traduzidos para o catalão, aqui. Depois íamos a Portugal cada ano de férias. Tínhamos lá um apartamento na Parede. Íamos lá muito e faz-me muito falta porque fazia muito bem à saúde, aqueles ares da Parede do mar são muito bons... Infelizmente aquilo acabou. Calcule que todas as semanas eu sonho com o Manuel, todas as semanas, pelo menos quatro ou cinco vezes falo [com ele], mas quando ele estava bom, com saúde. Então comentamos várias coisas, falamos de tudo: de literatura, da pintura, dos restaurantes, da Parede, de tudo. Comentamos de tudo, nada de coisas da doença. Falo com ele quatro, cinco vezes por semana nos sonhos, e as pessoas, os meus amigos, dizem: «Tu tens convertido a tua vida numa vida de um certo lirismo, porque tens esses sonhos bonitos com o Manuel». Até sonhei que tinha ido com o Manuel a Goa, e ele nunca esteve em Goa! E que havia lá umas árvores, ao pé da casa de um amigo, cheias de uvas, caixas de uvas e tal. Coisas muito bonitas que eu sonho, mas claro, quando acordo, depois é a realidade. De manhã é a realidade. A minha vida está desta maneira: vivo a noite a vida que eu gostaria de viver de manhã.

DS: Quando escreveu *Monção*, já vivia em Portugal, certo? Que relação tem com esse livro? Se a escrita era uma maneira de manter contacto com a sua terra etc.

VD: Tinha recordações muito vivas dos problemas que tinha vivido em Goa. Sobre tudo como era formada a sociedade goesa e de tantas contradições que havia, porque recordo que a minha família materna eram proprietários da terra e tinham gente a trabalhar, como digo no *Monção*. Havia os *batcares*, que eram os proprietários, e os *manducares*, aqueles que trabalhavam as terras.

Muita gente de Goa vivia assim. Os trabalhadores viviam nas terras, numas casas modestas, mas não eram pagos pelo seu trabalho. Era como se fossem uns servos. Tinham de fazer todo o trabalho que os proprietários quisessem. Eram pobres pessoas que não tinham um salário, não tinham nada. Tudo isso eu ponho no *Monção*, nos contos, tudo isso! Porque eu achei que era uma injustiça total. Eu cresci vendo aquela gente à volta, porque aquela casa foi dada em dote à minha mãe quando se casou e eu tinha a oportunidade de observar toda a vida dessa pobre gente e vi que era muito injusto o sistema que havia em Goa, um sistema semifeudal: uma desigualdade tremenda entre uns e os outros... Outras capas sociais... E isso foi refletido já em Lisboa. Eu, em Goa, não poderia escrever esse livro, não me deixariam, seria muito atacada pelas pessoas de lá, mas já em Portugal tive a liberdade de poder desvendar e fazer essa denúncia da sociedade goesa.

DS: E mais ou menos no mesmo período sai também *O signo da ira* de Orlando da Costa, que trata das mesmas questões, não é? E ele também escreveu em Portugal e não em Goa.

VD: Mas eu tenho a impressão que Orlando da Costa ia visitar Goa. Coisa que eu nunca fiz. Eu estava fora completamente e talvez não tivesse coragem de lá ir depois de ter escrito *Monção*. Acho que houve alguém que até foi dizer à minha mãe: «Ah! A sua filha escreveu sobre Goa, mas deixou ficar mal muitas pessoas», porque, claro, julgavam-se ser de uma classe superior e não gostavam que fossem criticados. Ninguém gosta, mas a obrigação do escritor é esta: um escritor escreve para fazer denúncia e trazer à luz o que está mal.

DS: E outro assunto de que a Vimala fala no livro é o dos casamentos arranjados, não é?

VD: Ui! Era tudo assim.. Por exemplo, o *mandó* não tem nem uma letra que seja feliz, porque são cantadas no dia do casamento. Todas as letras do *mandó* são letras de drama de amores infelizes. A própria noiva às vezes canta esses *mandós* quando ela se lembra daquele amor que ela teve. Eram casamentos arranjados. Pois havia o dote. Os pais da noiva davam-lhe um dote, coisa que aqui na Europa desapareceu. Goa ainda vivia nesse sistema muito antiquado. Muitas pessoas que eu conheci lá que tiveram seus amores e simpatias não conseguiram casar com aquelas pessoas. A minha própria mãe não conseguiu

casar com a pessoa que ela amava. Ela sofreu muito com a separação do seu velho amor. Em Goa já hoje há muita liberdade. Por exemplo, era impossível que na minha família houvesse hindus e hoje tenho o filho de uma minha prima-irmã que casou com uma hindu e as duas famílias dão-se perfeitamente. Isso não era possível. Quando eu lá estava a vida era separada: ninguém casava com hindus. E depois havia as castas. Ui! As castas! Diziam que nós éramos brâmanes. Eu sempre conheci-me em Goa como uma brâmane. Isso impossibilitava muito a comunicação. Na Europa não há nada disso... É tudo uniforme: há ricos e há pobres, mas não há castas. Mas agora creio que em Goa vai somatizando entre católicos e hindus, mas das castas não sei... Mas sei que católicos e hindus já se casam.

DS: Quando a Vimala conheceu o Manuel, ele já estava interessado na literatura de Goa ou se interessou por sua causa?

VD: A literatura de Goa o Manuel conheceu através da obra que fizemos. Ele teve que investigar e informou-se de todos os escritores, desde os séculos passados até o século XX. Ele teve que ler alguma obra que ele tinha na mão daqueles escritores, de maneira que se familiarizou com a literatura de Goa. De outro modo, se não fosse a obra, ele não se familiarizava com a literatura goesa.

DS: A Vimala disse que ganharam uma bolsa da Junta das Investigações do Ultramar para a escrita do livro. Quantos anos durou a pesquisa?

VD: Durou muito. O Manuel estava na BBC, mas eu vinha de vez em quando a Lisboa, para levar [levantar] o material que podia desde a Sociedade de Geografia, mas também lá no Museu Britânico. Também conseguimos pesquisar em Londres. E, ao mesmo tempo, o anúncio que foi posto, as pessoas de Goa foram mandando muito material para nós. Cada um mandava as suas obras, todo aquele material que depois se publicou. O teatro também. O Ananta Sardessai também mandou alguma obra.

DS: E sobre a estrutura do livro, queria perguntar quem que teve, dos dois, a ideia de escrever o livro daquela forma. Se inspiraram nalguma história literária?

VD: Não, eu acho que o Manuel já tinha uma formação desde muito novo, ele já se sentia escritor. Ele dedicou-se a todo tipo de literatura, ele tinha muita curiosidade já desde muito jovem, de maneira que não necessitava de

nenhuma inspiração. Ele já tinha aquele dentro dele. Para ele era uma coisa natural.

DS: Portanto, o formato do livro foi tudo pensado por ele?

VD: Sim, sim, sim. Para mim é que foi uma coisa nova. Tudo, tudo! Eu penso que o Manuel foi na minha vida um homem totalmente importante. Ou seja, eu penso que, se não fosse o Manuel, eu seria outra pessoa possivelmente, não seria a pessoa que sou hoje. Logo que vim de Goa, pouco depois que eu o conheci, ele puxou-me logo, estimulou-me logo para escrever o meu primeiro livro de poesias. Hás de fazer, há de escrever! E tomou um grande interesse para que eu pudesse desenvolver as minhas faculdades. Sempre estava muito empenhado nisso. Foi muito importante na minha vida o Manuel. Não posso esquecer-lo. Por isso é que hoje, como disse, já não tenho estímulos para escrever, se não está o Manuel. Era tudo. Era tudo para mim. O Manuel, na minha vida, era tudo. E agora vivo de ler e de coisas, mas a falta está terrível, não é? Quando se perde uma pessoa, quando não esperas... Pensava que o Manuel iria viver muitos anos. Nunca esperei que eu ficasse só sem ele. Nunca esperei. E experimentar agora essa vida que estou a experimentar agora é duro e triste. Nunca esperei. Não se pode fazer nada. É assim. É a vida.

DS: Se lembra a Vimala qual é que foi a vossa reação quando ganharam o Prémio Abílio Lopes do Rego? Estavam à espera de ganhar aquele prémio da Academia das Ciências?

VD: Se estávamos à espera? Bem, foi-me dito enquanto mandávamos o trabalho à Junta da Investigação do Ultramar. Eu conversava com algumas pessoas do ministério, quando vinha a Portugal, e foi-me dito: «Olha que a vossa obra está a ser muito apreciada, porque é uma obra muito importante, que não havia nada disto e muito possivelmente vocês terão um prémio». Tinham-me dito já, porque estavam a ver que era uma obra que ia ter muita importância.

DS: E assim foi, não é?

VD: Bom, sempre é bom um reconhecimento. Sempre foi bom ter-se feito a obra e ter havido também um reconhecimento através do prémio.

DS: E a Vimala e o Manuel, no livro, quando escrevem se apoiam muito no Gilberto Freyre, certo?

VD: Sim, muito. A maneira como o Gilberto Freyre interpretava a colonização portuguesa, Portugal no Oriente, Portugal em Goa, ou Portugal noutros pontos que não tinha sido da mesma maneira, dizia o Gilberto Freyre, como foi em Goa, porque em Goa tinham conseguido, de facto, chamar aos seus valores cristãos e europeus aos goeses. E também foi o dar e receber, porque tiveram muitos valores de Goa que também eles levaram para Portugal. Incluse, em Portugal, dizia-se que D. Manuel usava vestes indianas que também, não sei se era D. Manuel ou outro rei, que recebia visitas à maneira indiana, sentado no tapete de pernas cruzadas, que comiam as coisas que vinham dos pratos de Goa, as especiarias na comida, no fado, na canção de Goa. No *mandó*, eles viram na maneira de dançar algo do tempo quando os portugueses dançavam alguma dança europeia, o minuete ou danças palacianas que foram introduzidas na maneira de dançar o *mandó*. Muitas influências. E também nas joias, na arquitetura, nos móveis, houve também muita assimilação das duas partes, lá em Goa e em Portugal. Foi o dar e o receber entre duas culturas. Muitas coisas. Muitas coisas que se fizeram nessa altura e que o Gilberto Freyre precisamente diz que em Goa os portugueses conseguiram uma colonização que não era propriamente de domínio, mas era de trazer assim uma conquista lenta, a pouco a pouco, mas não através de domínio do superior como aconteceu noutras colónias, é o que diz o Gilberto Freyre. E é possível, porque em Goa, de facto, houve uma boa transmissão dos valores portugueses. Houve uma boa transmissão. Eu penso que até hoje eles têm muito apreço pela cultura portuguesa. Simplesmente ali foi um erro do Salazar. O Salazar é que errou na política em não entrar no acordo com os povos do Ultramar. Ele queria uma situação de domínio das colónias. O tempo das colónias já tinha acabado, em toda a Europa, em todo o lado. E só Portugal tinha colónias, de maneira que não podia ser. E Salazar recusou-se. Ele dizia que aquilo era Portugal, e não era. Porque se tivesse havido um acordo, uma compreensão mútua, se teria ganhado muito mais. Muito maior teria sido a aceitação de Portugal. Por exemplo, nas línguas oficiais o português deixou de existir e entrou, ao invés disso, o inglês, quando deveria ter sido o português. Mas isso foi erro do Salazar por não ter querido entrar numa nova dinâmica com as ex-colónias. Tudo foi com força. Felizmente não houve a guerra. Em Angola e Moçambique

houve guerra. Foi terrível ali. Muito sofrimento, muita morte, muita coisa... Salazar era um ditador. Era o fascismo, a ditadura... era terrível!

DS: Eu lembro-me de ter lido que o Manuel foi preso pela PIDE em 1957, não é?

VD: Sim, quando era jovem. Era estudante e parece que tinha uma propaganda, levava uma propaganda, e a PIDE prendeu-o e esteve na prisão. Mas, felizmente, o Manuel tinha um primo que era conselheiro, um primo com muita influência e conseguiu tirá-lo da prisão, e conseguiu sair. Esteve lá uns meses, parece-me, na prisão. Mas o Manuel foi sempre um homem de esquerda, nunca entrou dentro da dinâmica de direita.

DS: Foi também por isso que foram embora de Portugal e mudaram para a Inglaterra, porque não se sentiam à vontade com o regime?

VD: O abandono de Portugal foi... bem, mesmo depois da Revolução era difícil. Era ainda mais difícil fazer a nossa vida, porque já não havia a [Editora] Futura e o Manuel vivia à base de traduções. E eu também. E lá não tínhamos maneira de sobreviver. Em Portugal tínhamos de ter uma maneira de sobreviver. Foi triste porque, do meu ponto de vista, eu teria gostado de um regresso. Eu teria gostado. Depois já não era possível. Como é que íamos recuperar a nossa vida lá? Ganhar dinheiro... Aqui quando começaram a falhar as traduções literárias, porque todos queriam viver da tradução, de maneira que eram dadas a eles, aos catalães, as traduções, então, o Manuel teve a ideia de fazer traduções técnicas. Não gostava, comprou vários dicionários, mas eram muito bem pagas, melhor do que as literárias. Então ele fazia isso, transformou a sua vida. Aqui podia-se fazer isso, em Portugal, não.

DS: O Manuel falava muitas línguas, não é?

VD: Sim, muitas. Bem, nós dois falávamos inglês, português, espanhol, catalão, esperanto. Ele escreveu em esperanto muitas obras.

DS: Como nasceu essa paixão pelo esperanto?

VD: O Manuel já tinha essa coisa do esperanto quando era jovem em Portugal. Entre outras coisas, das suas várias, sempre teve muita curiosidade pelas línguas. E o esperanto, por uma coincidência qualquer, ele teve um livro de esperanto em Portugal na mão, ele teve muita curiosidade pelo esperanto.

E quando veio para aqui, para Barcelona, começou a ter acesso a uma pessoa que ele conhecia e que era esperantista. Mas, posteriormente, ele entrou nesta, começou a interessar-se muito, porque ele achava que o mundo do esperanto tinha um grande fundo humanista. Era uma língua que pretendia ser universal.

DS: Então tinha um fundo ideológico essa paixão pelo esperanto?

VD: Exato. E ele, num dos congressos a que nós assistimos, encontrou-se com o Herbert Mayer da Biblioteca Nacional da Áustria, onde o Manuel tem toda a sua obra. Ou seja, hoje, para se estudar a obra do Manuel pode-se ir a Viena, tem toda a obra dele, porque depois do falecimento dele foi-me escrita uma carta e o Herbert Mayer, que ainda estava lá, também me telefonou para lhe enviar tudo aquilo que fosse possível do Manuel para Viena, porque eles iam ter um apartamento dedicado só ao estudo da obra de Manuel de Seabra. Ele próprio, o Herbert Mayer, tinha editado ao Manuel vários livros do português e do catalão em esperanto. Umas cinco obras editou em esperanto. De maneira que eu mandei tudo aquilo que havia e mandei também a Cruz de S. Jordi, aquela que foi dada pela Generalitat ao Manuel, porque ele fez uma ponte entre a cultura catalã e a cultura portuguesa. Então deram-lhe a Cruz de S. Jordi. Era muito bonita. Num estojo, eu mandei essa cruz, eu mandei tudo para a Áustria. Hoje está tudo catalogado aí e até, por via de internet, se pode consultar o catálogo com todo os livros do Manuel, toda a obra, os escritos dele, toda a correspondência, tudo está lá. Eu inclusive mandei algumas fotos do Manuel para terem lá. Está tudo lá. De outra maneira se perderia, a obra de Manuel ficaria dispersa e se perderia no seu conjunto. O Manuel merecia, porque de facto era um grande homem. Para mim, era genial. O Manuel nunca repetiu as obras, todos os temas são diferentes. Eu considero que o Manuel era genial. Ele gostava de ajudar as pessoas. Estimulava as pessoas a escrever, [a] ir para frente. Era um homem com uma grande nobreza de carácter. Era um homem extraordinário. Eu disse numa homenagem que fizeram aqui, no Ateneu de Barcelona, que a maior sorte que eu tive na minha vida foi a de conhecer o Manuel de Seabra, que Manuel de Seabra era o homem do nosso tempo.

Referências

COSTA, Orlando da. *O signo da ira*. Lisboa: Arcádia, 1961.

DEVI, Vimala. *Súria*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1962.

DEVI, Vimala. *Monção*. Lisboa: Dédalo, 1963.

DEVI, Vimala. SEABRA, Manuel de. *A literatura indo-portuguesa*. Lisboa: Junta das Investigações do Ultramar, 1971.